

Estudos culturais latino-americanos e Jesús Martín-Barbero: mais afinidades do que disputas

Latin American cultural studies and Jesús Martín-Barbero: more affinities than disputes

ANA CAROLINA D. ESCOSTEGUY^a

Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Santa Maria – RS, Brasil

RESUMO

À revelia da afirmação de Martín-Barbero de que “nosotros habíamos hecho estudios culturales mucho antes de que esta etiqueta apareciera” trata-se aqui de reivindicar que, sem a obra *Dos meios às mediações*, os estudos culturais latino-americanos não teriam vingado, em especial aqueles vinculados à comunicação. Na defesa desse argumento, destaco o parentesco entre os estudos culturais, sobretudo, na versão associada à Escola de Birmingham, e as premissas do programa de investigação proposto pelo autor espanhol-colombiano. Para rastrear essas afinidades, adoto a combinação entre duas vias metodológicas: a programática e a etnográfica.

Palavras-chave: Estudos culturais, América Latina, Martín-Barbero, Escola de Birmingham

ABSTRACT

Although Martín-Barbero claims that “we had done cultural studies long before this label appeared”, this article sustains that, without *De los medios a las mediaciones* (From the Media to Mediations), Latin American cultural studies would not have developed, especially those linked to communication studies. The argument highlights the kinship between cultural studies, especially in the version associated with the Birmingham School, and the premises of the research program proposed by the Spanish-Colombian author. To trace these affinities, the combination of methodological programmatic and ethnographic approaches was adopted.

Keywords: Cultural studies, Latin America, Martín-Barbero, Birmingham School

^aDoutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, professora visitante da Universidade Federal de Santa Maria e pesquisadora do CNPq. Autora de *Cartografias dos estudos culturais: uma versão latino-americana* publicado em 2002 pela Editora Autêntica. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-0361-6404>. E-mail: carolad2017@gmail.com

E Barbero era o sobrenome de sua mãe?

Claro. Os brasileiros e outros colocam primeiro o segundo sobrenome, então, na primeira bibliografia que apareci como Barbero foi no Brasil. Quando vi escrito dessa maneira disse: “É uma questão de justiça”¹.

Jesús Martín-Barbero

¹ No original: “¿Y Barbero era el apellido de tu madre? Claro. Los brasileños y otros ponen primero el segundo apellido, entonces, en la primera bibliografía en que yo aparecí por Barbero fue en Brasil. Cuando lo vi escrito de esa manera dije: ‘Es una historia de justicia’”. Esta e as demais traduções foram realizadas pela autora do artigo.

² No original: “nosotros habíamos hecho estudios culturales mucho antes de que esta etiqueta apareciera”.

³ Tal denominação está vinculada ao legado teórico-metodológico associado ao coletivo de pesquisadores reunidos no Centro de Estudos Culturais Contemporâneos (CCCS), fundado por Richard Hoggart, em 1964, na Universidade de Birmingham. Seu primeiro diretor, Hoggart (1964-1968), foi sucedido por Stuart Hall (1969-1979) e, posteriormente, por Richard Johnson (1980-1987). Em 2002, a direção da universidade fechou o CCCS.

A REVELIA DA AFIRMAÇÃO de Martín-Barbero (Spielmann, 1996: 47) de que “nós fazíamos estudos culturais muito antes que essa etiqueta aparecesse”², trata-se aqui de reivindicar que, sem a obra *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia* (1997), os estudos culturais latino-americanos não teriam vingado, em especial aqueles vinculados à comunicação. Essa é uma das razões para que se constitua num clássico, restringindo as definições de Calvino (1992) para o termo às fronteiras do seu impacto no meio acadêmico. Na defesa desse argumento, destaco o parentesco entre os estudos culturais, sobretudo, na versão associada à Escola de Birmingham³, e as premissas do programa de investigação proposto por Martín-Barbero, independente da resistência vigente na utilização dessa etiqueta.

Para rastrear essas afinidades, adoto a combinação entre duas vias: a *programática* e a *etnográfica* (Restrepo, 2012). Através dessa articulação metodológica, identifiquei três linhas de força centrípeta entre os dois projetos intelectuais, isto é, as afinidades da interdisciplinaridade, da vocação política do trabalho intelectual e do contextualismo, este último cunhado por Grossberg (2012). *Last but not least*, observam-se pontos de atrito que estão supostamente em disputa entre os dois projetos. Estes, por sua vez, poderiam configurar três linhas de força centrífuga. Fundamentalmente, os questionamentos que flagram esse presumível dissenso são: a adoção do rótulo *estudos da cultura*, em detrimento de *estudos culturais*; a defesa de uma genealogia ancorada em matrizes teóricas diversas, em especial associadas ao pensamento autóctone latino-americano, em vez de um vínculo, sobretudo, com a tradição britânica; e, finalmente, embora relacionado com esta última querela, o receio de aderir a uma posição de colonialismo intelectual mediante a incorporação descontextualizada de contribuições teóricas oriundas do Norte. Para desenvolver essa argumentação, o artigo está estruturado em duas partes. Em primeiro lugar, são identificadas as afinidades recém mencionadas e, em segundo, são expostas as disputas.

Contudo, antes disso, faz-se necessário três esclarecimentos. O primeiro deles trata da via *programática*. Esta pressupõe assumir que determinados critérios caracterizam os estudos culturais. Segundo Restrepo (2012), ao adotar

tal posicionamento corre-se o risco de ser prescritivo e normativo, legitimando uma determinada concepção e, portanto, obliterando a pluralidade teórica reivindicada por esse campo de estudos. Apesar disso, Stuart Hall (1996: 263), que defende tal abertura teórica, simultaneamente sustenta a necessidade de indicar um amálgama:

Ainda que os estudos culturais, como um projeto, estejam em aberto, não podem ser simplesmente pluralistas desta maneira. Recusam-se, sim, a ser um discurso dominante ou um metadiscurso de qualquer espécie. Constituem, sim, um projeto sempre aberto àquilo que ainda não conhece, àquilo que ainda não pode identificar. Porém, tal projeto possui, também, um certo desejo de conectar-se, um balizamento nas escolhas que faz. Portanto, realmente fará diferença interpretarem-se os estudos culturais como sendo uma coisa ou outra⁴.

Sendo assim, não se objeta identificar posições teóricas em comum, ainda que não configurem um posicionamento completamente unificado entre os mais diversos de seus praticantes. Outros pesquisadores associados aos estudos culturais – por exemplo, David Morley (apud Escosteguy, 2010: 266) –, igualmente, defendem essa posição.

Portanto, a via *programática* se apresenta como fórmula válida para identificar tanto uma caracterização do projeto dos estudos culturais quanto o programa de pesquisa de Martín-Barbero. No caso deste último, a combinação da via *etnográfica* permitirá prestar maior atenção à sua prática, aos tópicos estudados, ao trajeto intelectual do autor em foco, às suas intervenções políticas e à sua vasta obra, embora não de forma exaustiva, devido aos limites deste artigo.

O segundo esclarecimento diz respeito à pertinência do termo *etnográfico* no âmbito da estratégia metodológica implementada. Neste caso, essa via significa compreender que as posições teóricas não se dão à margem do contexto biográfico e subjetivo, das experiências de vida e memórias, largamente publicizadas em entrevistas e depoimentos do autor, por exemplo, Beasley-Murray (2001) e Martín-Barbero (2016). Por essa razão, concorda-se com Morawicki (2016: 12):

nossa convicção é que a potência teórica de alguns autores não termina nas páginas que anunciam suas teorias, mas também na narrativa de suas experiências de vida que são precisamente as que ampliam as perguntas pelos modos de conhecer⁵.

Por fim, o terceiro esclarecimento é crucial para a compreensão dos propósitos deste artigo. Embora se utilize a etiqueta *estudos culturais latino-americanos*

⁴No original: “Although cultural studies as a project is open-ended, it can’t be simply pluralist in that way. Yes, it refuses to be a master discourse or a meta-discourse of any kind. Yes, it is a project that is always open to what which it doesn’t yet know, to that which it can’t yet name. But it does have some will to connect; it does have some stake in the choices it makes. It does matter whether cultural studies is this or that”.

⁵Na versão consultada: “nuestra convicción es que la potencia teórica de algunos autores no termina en las páginas que enuncian sus teorías sino también en el texto de sus experiencias de vida que són precisamente las que terminan de ampliar las preguntas por los modos de conocer”.

e se reconheça a polêmica gerada pelo seu uso, não se perde tempo com ela. Isto porque o cerne da argumentação aqui está assentado em outro parâmetro, distante dos

conflitos inerentes a toda “*política de nomear*” (Catherine Walsh) [que] são parte de lutas interpretativas que agitam os campos teóricos e culturais, já que nomear é sempre uma forma de categorizar e as categorizações dominantes levam vantagens dos abusos do poder representacional que administra a relação de inclusão e exclusão, centralidade e margem⁶. (Richard, 2010: 11)

⁶No original: “conflictos inherentes a toda ‘*política de nombrar*’ (Catherine Walsh) son parte de las luchas interpretativas que agitan los campos teóricos y culturales, ya que nombrar es siempre una forma de categorizar y las categorizaciones dominantes sacan ventajas de los abusos del poder representacional que administra la relación entre inclusión y exclusión, centralidad y márgenes”.

De toda forma, para dirimir pelo menos um grosseiro mal-entendido, ressalta-se que se distingue os estudos culturais que se praticam na América Latina daqueles que se fazem nos Estados Unidos e que, por sua vez, desenvolveram uma agenda particular de investigação, inclusive, *sobre* a América Latina, assim como adquiriram uma organização disciplinar e institucional radicalmente diferente da do nosso (sub)continente (ver, por exemplo, Richard, 2010; Szurmuck; Irwin, 2009).

Sem mais delongas, parte-se para identificar as afinidades e as possíveis disputas que flagram atravessamentos entre os dois programas de pesquisa.

AS AFINIDADES

Como já foi antecipado, privilégio no escopo das convergências entre os programas de pesquisa em análise a interdisciplinaridade, o contextualismo e a vocação política da prática intelectual.

Para os estudos culturais, o enquadramento da interdisciplinaridade é imprescindível porque as problemáticas e perguntas sobre *o cultural*, construídas dentro deste campo, exigem mais do que um enfoque e/ou uma metodologia associados a uma disciplina específica, por exemplo, sociologia, crítica literária ou antropologia. No momento de fundação do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos em parceria com a Universidade de Birmingham, Richard Hoggart (apud Schulman, 1999: 169) declarava que a nova abordagem tinha “algo em comum com várias das abordagens existentes [por exemplo, literatura, sociologia], mas não era exatamente nenhuma delas”. Mais tarde, também Stuart Hall (2017: 24) argumentou que

trabalhar no campo dos estudos culturais não necessariamente significa que se acredite que o mundo inteiro possa ser explicado a partir do ponto de vista cultural. Na realidade, penso às vezes que trabalhar no âmbito dos estudos culturais é como decidir trabalhar num campo deslocado porque grande parte do que se requer para

compreender as relações culturais não é, em nenhum sentido evidente, cultural. Neste aspecto, os estudos culturais são um campo interdisciplinar⁷.

Se, por um lado, esse tipo de depoimento e análises dessa ordem sobre o campo podem colaborar no esclarecimento da configuração dessa abordagem, por outro, geraram muitas críticas⁸. Independente dessas últimas, o que importa reafirmar é que “as explicações sobre a cultura [dadas pelos estudos culturais] não se circunscrevem ao intrinsecamente cultural (como tendem a fazer uma determinada antropologia e outros reducionismos culturalistas), mas incorporam exterioridades como as relações sociais, o poder ou a economia”⁹ (Restrepo, 2012: 127).

Observo que há forte sintonia entre as afirmações recém-feitas a respeito dos estudos culturais e as inúmeras declarações e reflexões de Martín-Barbero sobre o tema. Recentemente, o autor (2016: 149 e 199) reconheceu que:

De fato, faço um balanço agora e me dou conta que os primeiros que começaram a entender esse livro [*Dos meios às mediações*] foram os antropólogos, politólogos e historiadores, tanto neste país [Colômbia] como na América Latina. Para os investigadores da comunicação, foi muito difícil sair do seu mundinho. [...] Me sinto cada vez mais longe do campo da comunicação tal como se pratica e se vive nas universidades¹⁰.

E, em análise sobre o posicionamento de Martín-Barbero, García Canclini (1993: 7) nota que “a pesquisa em comunicação é vista menos como uma disciplina do que como um capítulo, isto é, uma dimensão da análise cultural”¹¹, ou seja, a obra maior de Martín-Barbero não se encaixa bem nas fronteiras do campo da comunicação nem sequer para seu próprio autor.

Também, há certa reciprocidade em relação às críticas que sua proposta recebe e à desaprovação aos estudos culturais por serem considerados “teoria débil” (Follari, 2003). No contexto brasileiro, pode-se identificar, entre os precursores no exame crítico da proposta barberiana, Signates (1998) e, mais recentemente, Marcondes Filho (2008). Exegese e crítica que tomaram novo fôlego a partir de um controverso confronto com a problemática da midiaticização, embora para alguns (Braga, 2012; Santi, 2013; Silva, 2012) haja mais continuidade do que descontinuidades entre essa perspectiva e a das mediações¹².

Ainda que muito difícil de precisar o momento inaugural em que Martín-Barbero questionou as convenções disciplinares, não resta dúvida que um marco que cristaliza essa reconsideração é *Dos meios às mediações* (1997). Na abertura

⁷Na versão consultada: “trabajar en el campo de los estudios culturales no necesariamente significa que uno crea que el mundo entero puede explicarse desde un punto de vista cultural. En realidad, a veces pienso que trabajar en los estudios culturales es más bien como decidir trabajar en un campo desplazado, porque gran parte de lo que uno requiere para comprender las relaciones culturales no es, en ningún sentido evidente, cultural. En este aspecto, los estudios culturales son un campo interdisciplinario”.

⁸No âmbito, latino-americano, ver Follari (2003) e Reynoso (2000).

⁹No original: “las explicaciones de la cultura no se circunscriben a lo intrinsecamente cultural (como tienden a hacer cierta antropología y otros reduccionismos culturalistas), sino que incorporan exterioridades, como las relaciones sociales, el poder o la economía”.

¹⁰No original: “De hecho, hago un balance ahora y me doy cuenta de que quienes empezaron a entender ese libro fueron antropólogos, politólogos e historiadores, tanto en este país como en América Latina. A la gente de comunicación se le hizo muy cuesta arriba salir de su mundillo. [...] Entonces, siento que cada vez estoy más alejado del campo de comunicación tal y como se practica y se vive en las universidades”.

¹¹No original: “La investigación comunicacional es vista menos como una disciplina que como un capítulo, o major una dimension del análisis cultural”.

¹²Aqui, o objetivo não é centrar as convergências entre os estudos culturais e o programa de Martín-Barbero, especificamente, na problemática conceitual das mediações, o que outros autores já fizeram – mais recentemente, ver Serelle (2016).

deste texto (1997: 15), o autor fala sobre o deslocamento disciplinar que ocorre em seu próprio itinerário intelectual:

Vinha da filosofia e, pelos caminhos da linguagem, encontrei a aventura da comunicação. E da morada heideggeriana do ser cheguei assim, com meus ossos, na casa de favela dos homens, construída com barro e hastes de bambu, mas com radiotransmissores e antenas de televisão¹³.

¹³No original: “Venía yo de la filosofía y, por los caminos del lenguaje, me topé con la aventura de la comunicación. Y de la heideggeriana morada del ser di así con mis huesos en la choza-favela de los hombres, construída en barro y cañas pero con radiotransistores y antenas de televisión”.

Muitos autores já disseram que o esforço de Martín-Barbero está centrado em compreender as particularidades do ingresso da América Latina na modernidade através de um olhar centrado muito mais na filosofia do que propriamente nos estudos de mídia (Szurmuck; Waisbord, 2011). Destaca-se, também, a importância que adquire a linguagem na construção de narrativas e das identidades coletivas mediante o realce dado às contribuições de Paulo Freire ao longo do seu estudo doutoral.

Aliás, na análise de Herman Herlinghaus (1998: 22), o questionamento sobre os entrecruzamentos disciplinares já havia ocorrido bem antes da publicação de *Dos meios às mediações* (1997):

Em sua tese de doutorado já experimentara um encontro insólito entre conceitos semióticos, perspectivas sociológicas e imaginários da literatura latino-americana. Uma problemática com que se defrontou ao regressar à Colômbia em 1973 era optar por atuar interdisciplinarmente a partir da institucionalidade uma única disciplina¹⁴.

¹⁴No original: “En la tesis de doctorado ya había experimentado un encuentro insólito entre conceptos filosóficos, semióticos, perspectivas sociológicas e imaginarios de la literatura latino-americana. Una problemática que se le planteaba al regresar a Colombia en 1973 era decidirse a actuar transdisciplinariamente a partir de la institucionalidad de una sola disciplina”.

Foi desse modo que Martín-Barbero ingressou na Universidad del Valle (Cali), reposicionando os estudos de comunicação fora do eixo *tecnológico* e assumindo a densidade do *cultural*, conseqüentemente, “concebendo-os explicitamente como ciências sociais e estudos culturais”¹⁵ (Herlinghaus, 1998: 23).

Bem mais tarde, em entrevista concedida à Maria Immacolata Lopes (Martín-Barbero, 2009: 153), o próprio autor assevera: “o estudo [da comunicação] tem que ser claramente interdisciplinar. Ou seja, estamos diante de uma epistemologia que coloca em crise o próprio objeto de estudo”. Enfim, no seu programa de pesquisa, “a inscrição da comunicação na cultura deixou de ser mero assunto cultural, pois tanto a economia como a política estão inseridas diretamente no que aí se produz”¹⁶ (Martín-Barbero, 1990: 14). O parentesco entre esse posicionamento e o projeto dos estudos culturais é claro. Considera-se que aí reside um forte vínculo entre ambas as práticas intelectuais.

¹⁵No original: “concebirlos explícitamente como ciencias sociales y estudios culturales”.

¹⁶No original: “la inscripción de la comunicación en la cultura ha dejado de ser mero asunto cultural pues son tanto la economía como la política las concernidas directamente en lo que ahí se produce”.

Seguindo as linhas de força centrípetas, observa-se que não se pode compreender um *projeto* intelectual sem que também se compreenda a sua formação

e que a relação entre um *projeto* e uma *formação* é sempre decisiva. Ainda, conforme Williams (2011), a ênfase dos estudos culturais está precisamente em seu compromisso com *ambos*, em vez de especializar-se em um ou outro. Ou seja, os estudos culturais não estão preocupados com uma *formação* da qual algum *projeto* seja um exemplo ilustrativo, nem com um *projeto* que esteja relacionado a uma *formação* entendida como o seu contexto ou pano de fundo (Ibid.: 172).

Do ponto de vista de Hall (2017: 27), entender essa relação é assumir a contextualidade da teoria. Logo,

é importante compreender que o conceito de cultura foi proposto não como a resposta a alguma pergunta *teorética*, mas como uma resposta a um problema *político* [destaques do autor] e uma interrogação muito concreta: o que aconteceu com a classe trabalhadora, a partir do surgimento da abundância econômica?¹⁷

¹⁷No original: “es importante comprender que el concepto de cultura se propuso no como la respuesta a alguna pregunta teorética, sino como una respuesta a un problema político y un interrogante muy concreto: qué pasó con la clase trabajadora a partir del advenimiento de la abundancia económica?”.

Por essa razão, é importante destacar brevemente a condição histórica particular da Grã-Bretanha, no final dos anos 1950. Vivia-se um momento de expansão acelerada das relações capitalistas para todo o campo da cultura, assim como de colapso do império britânico (Guerra com o Egito/Canal de Suez), concomitante à desilusão com o modelo comunista (invasão soviética em Budapeste, 1956) o que levou a formação de um movimento político batizado como New Left. É para este campo de atuação política que convergem vários dos integrantes da Escola de Birmingham. Para além de sua importância na arena política da Inglaterra e dos movimentos intelectuais de esquerda da Europa do pós-guerra, destaca-se como uma de suas atividades mais duradouras a publicação da *New Left Review* na qual, afora as análises de caráter estritamente político, temáticas relacionadas às artes e à cultura, também estavam em evidência. Do ponto de vista teórico, contribuíram para a conformação dos estudos culturais “a tarefa de destronar a tradição representada por T. S. Eliot e F. R. Leavis e as noções aristocráticas [sobre cultura] que ela implicava” (Schulman, 1999: 175). As peculiaridades do contexto histórico britânico, abrangendo da área política ao meio acadêmico, sua *formação*, marcaram indelevelmente a constituição do *projeto* dos estudos culturais.

Nos termos de Cevasco (2003: 64), “os projetos artísticos e intelectuais são constituídos pelos processos sociais, mas também constituem esses processos na medida em que lhes dão forma”. Enfim, essa argumentação desemboca na discussão da característica, cunhada por Grossberg (2012), de contextualismo, isto é, a primazia do postulado da relação entre os termos que configuram um acontecimento, fato, evento, fenômeno ou prática cultural. Esse é outro aspecto marcante tanto dos estudos culturais quanto da reflexão de Martín-Barbero.

¹⁸ Utilizo o trocadilho de Paul Jones para referir-me a presença desse elemento tanto na obra de Raymond Williams quanto na de Richard Hoggart. Ver Jones (1994).

¹⁹ No original: “los tercios hechos”.

O reconhecimento na cena intelectual do protagonismo do sujeito popular e de suas práticas, tanto nas esferas do trabalho, da política e do cotidiano, praticado por “Raymond Hoggart”¹⁸, é algo incrustrado na arquitetura *Dos meios às mediações* (1997). As pistas dessas leituras, juntamente com as transformações sociais pelas quais passava a América Latina – “os fatos teimosos”¹⁹, nas palavras de Martín-Barbero – vão germinar uma matriz de análise que desbanca determinados objetos de estudo, instituindo outros. Principalmente aquele que dá centralidade ao lugar do sujeito, obliterado por perspectivas hegemônicas nos estudos de comunicação daquele momento que privilegiavam a estrutura de propriedade dos meios e o determinismo tecnológico ou textual.

Se, até o final dos anos 1970, as ideias hegemônicas nos estudos de mídia respondiam a um modelo instrumental, a partir dos 1980, ocorrem fortes deslocamentos teóricos.

A expansão e interpenetração dos estudos culturais e da comunicação não são fortuitos nem ocasionais, respondem ao lugar estratégico que a comunicação ocupa tanto nos processos de reconversão cultural – que a nova etapa da modernização requer nesses países –, como na crise que a modernidade sofre nos países centrais. Não é possível compreender o cenário atual (anos 1990) desses estudos sem pensar tal encruzilhada²⁰. (Martín-Barbero, 1993: 61)

²⁰ No original: “La expansión e interpenetración de los estudios culturales y de la comunicación no son fortuitos ni ocasionales, responden al lugar estratégico que la comunicación ocupa tanto en los procesos de reconversión cultural – que la nueva etapa de modernización requiere en estos países –, como en la crisis que la modernidad sufre en los países centrales. No es posible comprender el escenario actual de esos estudios sin pensar esta encrucijada”.

É a recepção ou a valorização da capacidade dos receptores populares em produzir sentidos diferentes aos priorizados pela cultura hegemônica que desponta como a problemática que vai viabilizar esse deslocamento. É através dessa chave de leitura que *Dos meios às mediações* (1997) vai ser lido no cenário latino-americano, desencadeando mais uma vinculação com os estudos culturais, sobretudo, com sua versão britânica – basta lembrar a pesquisa pioneira de Richard Hoggart, *As utilizações da cultura* (1973), centrada no modo de vida da classe trabalhadora, em seus valores, suas atitudes e seus processos de negociação com a cultura comercial em expansão.

Isto é, ao reabilitar a experiência popular, Martín-Barbero (1986: 42) pretende

mudar o eixo de análise e seu ponto de partida. O resgate dos modos de resposta do dominado modificava o processo de decodificação do campo da comunicação, com seus canais, seus meios e suas mensagens, para o campo da cultura, ou melhor, dos conflitos que a cultura articula, os conflitos entre culturas e a hegemonia²¹.

Nota-se aí o engajamento com categorias gramscianas e, portanto, com um determinado marxismo bem como com o estudo da cultura – ou práticas culturais

²¹ No original: “cambiar el eje del análisis y su punto de partida. El rescate de los modos de réplica del dominado desplazaba el proceso de decodificación del campo de la comunicación, con sus canales, sus medios, y sus mensajes, al campo de la cultura, o mejor, de los conflictos que articula la cultura, de los conflictos entre culturas y de la hegemonia”.

tradicionalmente marginalizadas ou desprestigiadas – obrigatoriamente dentro de formações sociais. Isto evidencia seu potencial político e transformador. Nesse sentido, os estudos culturais latino-americanos, alicerçados na reflexão barberiana, formam-se dando preferência à materialidade social da cultura e à sua dimensão simbólico-política.

Conseqüentemente, as análises têm como meta focar nos conflitos, nas negociações e nos consensos que estão em tensão na realidade social, politizando a esfera da cultura. Esse posicionamento dá consistência à anotação de Restrepo (2012: 129) de que nos estudos culturais há “uma politização da teoria e a teorização do político”²², construindo uma “prática intelectual em estreita relação com intervenções políticas concretas”²³. Ou, ainda, como nos diz Stuart Hall (2003) de que uma prática em estudos culturais tenta fazer uma intervenção no mundo e, por essa razão, precisa constituir um posicionamento com alguns pontos de diferença ou distinção a defender.

Contudo, os usos de *Dos meios às mediações* (1997) desencadeiam dois desdobramentos no cenário latino-americano: a inquietude política é substituída por uma crescente preocupação metodológica e a recepção se dissolve como espaço a partir do qual pensar as culturas populares, tornando-se um objeto em si mesmo. Em suma, “se a investigação da recepção foi o modo mais frutífero encontrado no contexto histórico para compreender a produção da hegemonia, a noção de hegemonia se esmaece e tende a desaparecer de muitos estudos contemporâneos da recepção”²⁴ (Grimson; Varela, 2002: 163). É a chegada da despolitização que, ancorada na euforia com a vitalidade da(s) audiência(s), compreende a recepção como espaço autônomo e especializado, não sofrendo pressão de determinações estruturais que limitam a capacidade criativa dos sujeitos – algo distante do pensamento barberiano.

No Brasil, espaço importante no traçado latino-americano, essa obra também exerceu notória influência. Originalmente difundida em cópias que passavam de mão em mão, teve sua primeira publicação em português somente em 1997. Até a virada do século, gerou uma primeira onda de uso plenamente associada às características recém mencionadas. Também suscitou um rastro de discursos críticos²⁵ – mais uma qualidade de um clássico, como nos ensina Calvino.

Entretanto, a publicação em 2003 de nova edição brasileira com o acréscimo de um prefácio, originalmente publicado em 1998, em espanhol, dá chances para que outra onda se constitua através do uso de um “novo mapa”²⁶. Aí o relevo está nas “mediações comunicativas da cultura” e na novidade da presença da institucionalidade, que resgata a existência de regimes de regulação e, portanto, das relações de poder. A aposta na recuperação da dimensão política é evidente. Além disso, uma oportunidade para retomar a totalidade do processo

²²No original: “una politización de la teoría y teorización de lo político”.

²³No original: “práctica intelectual en estrecha relación con intervenciones políticas concretas”.

²⁴No original: “si la investigación de la recepción fué el modo más fructífero que se encontró en un contexto histórico para dar cuenta de la producción de hegemonía, la noción de hegemonía se y tende a desaparecer de muchos estudios contemporáneos de la recepción”.

²⁵Recentemente, essa vaga de revisões e críticas tomou novo impulso a partir de seu confronto com a problemática da midiaticização.

²⁶Em cartografia dos usos do Mapa das Mediações Comunicativas da Cultura (Martín-Barbero, 2003) na investigação empírica, no contexto brasileiro, observou-se que, apesar de possuir posição de destaque no debate teórico-metodológico, esse Mapa é ainda pouco explorado, seja de modo integral, seja parcial. Mesmo assim, identificou-se o início de uma primeira onda em 1987, quando é lançado *De los medios a las mediaciones* e uma segunda que estaria amparada nas reformulações do “mapa noturno”, apresentado em 1998. Na segunda onda seria evidente o reconhecimento de tal perspectiva como uma teoria sobre o circuito comunicativo, constituindo uma visão integrada da produção, circulação e recepção. Porém, esse entendimento ainda é bastante incipiente. Ver Escosteguy; Sifuentes (2017).

comunicativo/cultural, isto é, a relação entre suas partes – produção/recepção, inspiração original do autor.

Em suma, a análise cultural de Martín-Barbero dialoga com uma visão integrada e holística da produção, circulação e recepção/consumo cultural que não se deixa enclausurar nas fronteiras de uma única disciplina, a exemplo do que vem sendo defendido no espaço dos estudos culturais²⁷. Ao mesmo tempo, propicia espaço e revela sensibilidade para objetos e problemáticas que, tradicionalmente desqualificados, adquirem estatuto científico: a telenovela, as mestiçagens entre cultura popular e cultura de massa, o reconhecimento do prazer e do ócio na vida social. Tudo isso resguardando as particularidades da realidade sociocultural da América Latina. Embora essas mesmas marcas não sejam exclusivas dos estudos culturais, parece coerente argumentar que há mais convergências e afinidades do que discrepâncias e disputas entre essas duas práticas já que a consolidação dos estudos culturais latino-americanos ocorre *pari passu* ao uso ativo desse autor e, em especial, de *Dos meios às mediações* (1997).

²⁷ Ver discussão apresentada por Escosteguy (2007).

AS PRESUMÍVEIS DISPUTAS

De todo modo, o confronto entre o programa de pesquisa de Martín-Barbero e o projeto dos estudos culturais recorrentemente traz à baila tensões e incômodos. Entre eles, destaca-se o repúdio em adotar a etiqueta de estudos culturais, a reivindicação de pensar a partir de teorias que não tenham origem em contextos forâneos e, associado com as duas condições anteriores, o receio de aderir à importação de determinados modelos teóricos de estudos culturais, sem o devido cuidado de reconstruí-los em novo contexto.

A preocupação com o lugar teórico a partir do qual se fala é patente no percurso intelectual de Martín-Barbero, bem como para a prática em estudos culturais, como foi notado antes via considerações de Stuart Hall. Novamente, é difícil datar quando esse posicionamento se constitui na trajetória de Martín-Barbero. Apesar disso, em recente trama de textos, reconhece que está em “seus quase cinquenta anos tentando pensar *com a própria cabeça* [destaque nosso] isso que chamam processos, práticas e meios de comunicação, e nessa ordem de importância”²⁸ (Martín-Barbero, 2015: 14). Portanto, sua reflexão não cede facilmente aos apelos da incorporação de teorias oriundas do Norte.

Ainda assim, outras declarações ilustram o reconhecimento de conexões entre o trabalho teórico do Sul e do Norte, ainda que sem mimetismo:

Devemos muito, tanto aos investigadores do Norte quanto aos do Sul – da Índia ou da África do Sul –, porém isso não nos converte em meros imitadores como sugere

²⁸ No original: “sus casi cincuenta años intentando pensar con su cabeza eso que llaman procesos, prácticas y medios de comunicación, y en ese orden de importancia”.

um panfleto parisiense. Nós nos nutrimos dos trabalhos da Escola de Birmingham, dos E. P. Thompson, Richard Hoggart, Raymond Williams e Stuart Hall, como dos norte-americanos Jean Franco, Frederic Jameson, Richard Sennet e Arjun Appaduray. Mas construímos nossos próprios referenciais teóricos ao som e ao ritmo dos processos que atravessam nossos países²⁹. (Martín-Barbero, 2010: 133)

Além disso, enfatizou Martín-Barbero (Beasley Murray, 2001: 223), em distintas ocasiões, sua relação com a obra de intelectuais franceses (por exemplo, Paul Ricoeur e Michel de Certeau), alemães (Walter Benjamin) e italianos (Antonio Gramsci).

Meu vínculo com a análise cultural emerge a partir de dois conjuntos de autores que seguem duas vertentes distintas. A primeira é marcada por Gramsci e Benjamin. [...] A segunda inicia, no final dos anos 70, com a descoberta de E. P. Thompson, Raymond Williams e Richard Hoggart. [...] Nos anos 80, as perspectivas que se gestam no Centro de Birmingham tiveram profunda influência no meu pensamento. Naquele momento representaram as mais avançadas formas de marxismo e análise cultural³⁰.

De toda forma, resiste em aderir ao uso da etiqueta de estudos culturais latino-americanos para denominar seu trabalho, dando preferência a denominações como estudos de cultura³¹ na América Latina ou estudos sobre comunicação e cultura³². No primeiro caso, ressaltando sobretudo sua identidade com o ensaísmo latino-americano e, no segundo, com o pensamento de Paulo Freire. Todavia, em determinados momentos, falando de seus influências e admirações de praticantes de análise cultural, destaca, “em segundo lugar”, a tríade – E. P. Thompson, Raymond Williams e Richard Hoggart, assumindo que “a perspectiva de Birmingham” vai marcá-lo no “mais profundo, intelectualmente” (Beasley-Murray, 2001). Assim, a associação com os estudos culturais é também relativamente aceita e reconhecida pelo autor.

O que parece estar implicado no mal-estar com a denominação *estudos culturais latino-americanos* é que assumir essa etiqueta significa incorporar um projeto intelectual com origem no Norte, seja na Inglaterra, seja nos Estados Unidos e que, portanto, não sofre influências de repertórios teóricos surgidos em outras latitudes e em outros tempos. No caso em tela, propriamente na América Latina. “Porém, os projetos intelectuais que podem adotar essa denominação não têm necessariamente que responder à importação das agendas, autores e problemas dos cultural studies estadunidenses ou britânicos”³³, como nos explica Restrepo (2012: 140) ao recuperar posição de Walter Mignolo.

²⁹No original: “Debemos mucho, tanto a los investigadores del Norte como los del Sur – la India o Sudáfrica – pero eso no nos convierte en meros imitadores como sugiere un panfleto parisiense. Nos hemos alimentado de los trabajos de la Escuela de Birmingham, de los E. P. Thompson, Richard Hoggart, Raymond Williams y Stuart Hall, como de los norteamericanos Jean Franco, Frederic Jameson, Richard Sennet y Arjun Appaduray. Pero hemos ido construyendo nuestros propios referentes teóricos al son y al ritmo de los procesos que atraviesan nuestros países”.

³⁰No original: “My acquaintance with cultural analysis emerges around two sets of authors and follows two distinct paths. The first is marked by Gramsci and Benjamin. [...] The second path starts, towards the end of the 1970s, with my discovery of the historian E. P. Thompson, Raymond Williams and Richard Hoggart. [...] During the 1980s, the perspectives emerging from the Birmingham Centre were to have a profound influence on me”.

³¹Para Restrepo (2012: 126), “los estudios sobre la cultura constituyen un campo amplio y contradictorio donde se encuentran disímiles encuadres disciplinarios, interdisciplinarios y transdisciplinarios que se refieren a la ‘cultura’ como su objeto de análisis. Desde esta perspectiva, entonces, lo que se ha dado en llamar ‘antropología cultural’, ‘sociología de la cultura’, ‘crítica cultural’ y ‘estudios culturales’ pertenecería a este heterogéneo campo de los estudios sobre la cultura. Por tanto, no se podría confundir estudios culturales con estudios sobre la cultura, ya que los primeros serían, a lo sumo, una parte o componente de los segundos”.

³² Exemplifica essa posição as declarações de Maria Immacolata V. de Lopes (Meirelles, 2008: 9), em entrevista publicada na *E-compós*: “Sobre Barbero e Canclini, eu não acho que eles são representantes dos estudos culturais na América Latina. Eles não são. São chamados assim de maneira incorreta. Fazer estudos de cultura é uma coisa, fazer estudos culturais é outra coisa. Na América Latina, nós temos uma tradição fortíssima de estudos de cultura”. Outra possibilidade seria adotar o termo estudos de cultura e poder, lançada por Daniel Mato (2005).

³³ No original: “No obstante, los proyectos intelectuales que pueden adoptar esa denominación no necesariamente tienen que responder a la importación de las agendas, autores y problemas de los *cultural studies* estadounidenses o británicos”.

³⁴ No original: “desde unos procesos y prácticas sociales cuyas transformaciones desestabilizan lo que teníamos por ‘sujeto’ y ‘objeto’ de la investigación”.

Em vista disso, não obrigatoriamente isto significaria uma nova expressão de colonialismo intelectual que revele a expansão de matrizes teóricas das metrópoles nas periferias.

Enfim, observa-se que no programa de pesquisa barberiano não se perde de vista as diferenças de contextos institucionais e sociais, nem a presença de distintas tradições intelectuais no bojo do seu quadro teórico. Consequentemente, o uso do rótulo *estudos culturais latino-americanos* não implica o apagamento da densidade histórica do local – impulso vital na obra comentada, embora o processo de globalização também se mostre no âmbito dos quadros de referência, envolvendo repercussões epistemológicas. Ao contrário, revela que, sobretudo, no contexto atual, é inevitável o diálogo entre produções teóricas do Sul e do Norte, das periferias e das metrópoles.

O que, de fato, faz a diferença é estar comprometido com uma determinada forma de estudar a cultura, marcada por uma abordagem contextual e conjuntural, comprometida com o reconhecimento de diferenças culturais que são atravessadas por relações de poder. Logo, o importante é assumir um posicionamento, situado num campo interdisciplinar, que busque compreender, evidenciar e intervir, a partir de um enfoque contextual, sobre determinadas articulações entre o cultural e o político, tornando explícito que sua problemática está constituída nos cruzamentos entre cultura e poder. É disso que se trata quando se reivindica o rótulo de estudos culturais.

Especificamente no itinerário de Martín-Barbero, essas mesmas premissas se condensam no desafio de persistir pensando a comunicação “a partir de processos e práticas sociais cujas transformações desestabilizam o que tínhamos como ‘sujeto’ e ‘objeto’ de investigação”³⁴ (Martín-Barbero, 2015: 28). Isso significa deixar de pensar os processos de comunicação a partir das disciplinas para passar a pensá-los “*desde la cultura*”. Os prenúncios desse deslocamento teórico se observaram no final dos anos 1970, alcançando sua consolidação nos 1990, sobretudo, via o rastro de *Dos meios às mediações* (1997), movimento coetâneo com o reconhecimento dos estudos culturais na América Latina. Em vista disso, a obra de Martín-Barbero condensa muito mais afinidades do que tensões e conflitos com os estudos culturais, sendo que estes últimos estariam melhor enquadrados, entre nós, como disputas infundadas. ■

REFERÊNCIAS

BEASLEY-MURRAY, J. Cultural studies questionnaire. Entrevista com Jesús Martín-Barbero. *Journal of Latin American Cultural Studies*, Abingdon, v. 10, n. 2, p. 223-230, 2001. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/13569320120068284>

- BRAGA, J. L. Circuitos *versus* campos sociais. In: MATTOS, M. Â.; JANOTTI JUNIOR, J.; JACKS, N. (Orgs.). *Mediação & midiatização*. Salvador: Edufba; Brasília, DF: Compós, 2012. p. 31-52.
- CALVINO, I. *Por qué leer los clásicos*. Barcelona: Tusquets, 1992.
- CEVASCO, M. E. *Dez lições sobre estudos culturais*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- ESCOSTEGUY, A. C. D. Circuitos de cultura/circuitos de comunicação: um protocolo analítico de integração da produção e da recepção. *Comunicação, Mídia e Consumo*, v. 4, n. 11, p. 115-135, nov. 2007. DOI: <http://dx.doi.org/10.18568/cmc.v4i11.111>
- _____. Depoimento de David Morley. In: _____. *Cartografias dos estudos culturais: uma versão latino-americana*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 249-267.
- ESCOSTEGUY, A. C. D.; SIFUENTES, L. O mapa das mediações comunicativas da cultura: cartografando a pesquisa. In: SACRAMENTO, I. (Org.). *Mediações comunicativas da saúde*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2017. p. 59-84.
- FOLLARI, R. *Teorías débiles: para una crítica de la deconstrucción y de los estudios culturales*. Rosario: Homo Sapiens, 2003.
- GARCÍA CANCLINI, N. Introducción: antropología y estudios culturales. *Alteridades*, Cidade do México, v. 3, n. 5, p. 5-8, 1993.
- GRIMSON, A.; VARELA, M. Culturas populares, recepción y política: genealogías de los estudios de comunicación y cultura en la Argentina. In: MATO, D. (Coord). *Estudios y otras prácticas intelectuales latinoamericanas en cultura y poder*. Caracas: Clacso, 2002. p. 153-166.
- GROSSBERG, L. El corazón de los estudios culturales. In: _____. *Estudios culturales en tiempo futuro*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2012. p. 21-75.
- HALL, S. Cultural studies and its theoretical legacies. MORLEY, D.; CHEN, K.-H. (Eds.). *Stuart Hall: critical dialogues in cultural studies*. Londres; Nova Iorque: Routledge, 1996. p. 262-275.
- _____. Estudos culturais e seu legado teórico. In: SOVIK, L. (Org.). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG; Brasília, DF: Unesco, 2003. p. 199-218.
- _____. *Estudios culturales 1983: una historia teórica*. Buenos Aires: Paidós, 2017.
- HERLINGHAUS, H. La modernidad ha comenzado a hablarnos desde donde jamás lo esperabamos: una nueva epistemología política de la cultura en *De los medios a las mediaciones* de Jesús Martín-Barbero. In: TOSCANO, M. C. L.; REGUILLO, R. (Orgs.). *Mapas nocturnos: diálogos con la obra de Jesús Martín-Barbero*. Bogotá: Siglo del Hombre, 1998. p. 11-27.

- HOGGART, R. *As utilizações da cultura: aspectos da vida da classe trabalhadora, com especiais referências a publicações e divertimentos*. Lisboa: Presença, 1973.
- JONES, P. The myth of “Raymond Hoggart”: on “founding fathers” and cultural policy. *Cultural Studies*, Abingdon, v. 8, n. 2, p. 394-416, 1994. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/09502389400490291>
- MARCONDES FILHO, C. Martín-Barbero, Canclini, Orozco. Os impasses de uma teoria da comunicação latino-americana. *Famecos*, Porto Alegre, v. 15, n. 35, p. 69-85, abr. 2008. DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2008.35.4095>
- MARTÍN-BARBERO, J. Comunicación, pueblo y cultura en el tiempo de las transnacionales. In: MORAGAS, M. *Sociología de la comunicación de masas: nuevos problemas y transformación tecnológica*. v. 4. Barcelona: Gili, 1986. Disponível em: <<https://goo.gl/CtsQsh>>. Acesso em: 22 jun. 2017.
- _____. De los medios a las prácticas. *Cuadernos de Comunicación y Prácticas Sociales*, Cidade do México, n. 1, p. 9-18, 1990.
- _____. La comunicación en las transformaciones del campo cultural. *Alteridades*, Cidade do México, v. 3, n. 5, p. 59-68, 1993.
- _____. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.
- _____. Pistas para entre-ver meios e mediações. Prefácio. In: _____. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2003. p. 11-21.
- _____. Uma aventura epistemológica – entrevistado por Maria Immacolata Vassallo de Lopes. *MATRIZES*, São Paulo, v. 2, n. 2, 2009. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v2i2p143-162>
- _____. ¿Desde donde pensamos la comunicación hoy? *Chasqui*, Quito, n. 128, p. 13-29, abr./jun. 2015.
- _____. Entre la memoria y la promesa. Conversaciones con Jesús Martín-Barbero. In: HUERGO, J.; MORAWICKI, K. (Eds.). *Entre la memoria y la promesa*. Conversaciones con Jesús Martín-Barbero. La Plata: Edulp; Periodismo y Comunicación, 2016.
- MATO, D. Práticas intelectuales latinoamericanas en cultura y poder y la entrada en América Latina de la idea de “Estudios Culturales”. In: SILVEIRA, R. M. H. (Org.). *Cultura, poder e educação: um debate sobre estudos culturais em educação*. Canoas: Editora da Ulbra, 2005. p. 55-79.
- MEIRELLES, C. F. Entrevista com Maria Immacolata Vassallo de Lopes. *E-compós*, Brasília, DF, v. 11, n. 2, maio/ago. 2008. Disponível em: <<https://goo.gl/t2S7H3>>. Acesso em: 8 nov. 2017.

- MORAWICKI, K. Introducción. In: HUERGO, J.; MORAWICKI, K. (Eds.). *Entre la memoria y la promesa: conversaciones con Jesús Martín-Barbero*. La Plata: Edulp; Periodismo y Comunicación, 2016.
- RESTREPO, E. *Antropología y estudios culturales: disputas y confluencias desde la periferia*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2012.
- REYNOSO, C. *Apogeo y decadencia de los estudios culturales: una visión antropológica*. Barcelona: Gedisa, 2000.
- RICHARD, N. Introducción. In: _____. (Ed.). *En torno a los estudios culturales: localidades, trayectorias y disputas*. Santiago de Chile: Arcis; Buenos Aires: Clacso, 2010. p. 9-13.
- SANTI, V. J. C. *Mediação e midiatização: conexões e desconexões na análise do comunicacional*. 2013. 211 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- SCHULMAN, N. O Centre for Contemporary Cultural Studies da Universidade de Birmingham: uma história intelectual. In: SILVA, T. T. (Org.). *O que é, afinal, estudos culturais?* Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- SERELLE, M. A ética da mediação: aspectos da crítica da mídia em Roger Silverstone. *MATRIZES*, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 75-90, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v10i2p75-90>
- SIGNATES, L. Estudo sobre o conceito de mediação. *Novos olhares*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 37-49, 1998.
- SILVA, G. Pode o conceito reformulado de *bios midiático* conciliar mediações e midiatização? In: MATTOS, M. Â.; JANOTTI JUNIOR, J.; JACKS, N. (orgs.). *Mediação & Midiatização*. Salvador: Edufba; Brasília: Compós, 2012. p. 31-52.
- SPIELMANN, E. Nosotros habíamos hecho estudios culturales mucho antes de que esta etiqueta apareciera. Entrevista con Jesús Martín-Barbero. *Dissens*, Berlin, 1996.
- SZURMUK, M.; IRWIN, R. M. Presentación. In: _____. (Eds.). *Diccionario de estudios culturales latinoamericanos*. México: Siglo Veintiuno, 2009. p. 9-39.
- SZURMUK, M.; WAISBORD, S. The intelectual impasse of cultural studies of the media in America Latina: how to move forward. *Westminster Papers in Communication and Culture*, Londres, v. 8, n. 1, p. 7-38, 2011.
- WILLIAMS, R. O futuro dos estudos culturais. In: _____. *Política do modernismo: contra os novos conformistas*. São Paulo: Unesp, 2011. p. 171-188.

Artigo recebido em 15 de setembro de 2017 e aprovado em 6 de novembro de 2017.